

## PRISIONEIRO POR TRATORES

É tão chocante a notícia de que Fidel Castro propôs a troca de 1.200 prisioneiros por 500 tratores, só concebível na mente doentia de um monstro como Hitler, que fizera aos Estados Unidos proposta semelhante por ocasião da guerra, — 1.000.000 de judeus por mil canhões — que nos recusamos a admitir a veracidade dessa proposta.

Tal desprezo pela vida humana; tal afronta à dignidade dos indivíduos que assim foram colocados ao nível de mercadorias, não se pode conceber em pleno século XX, maxime tratando-se de homens com responsabilidade nos destinos de uma nação.

Se alguma dúvida houvesse ainda quanto à orientação marxista da revolução cubana, que inicialmente foi aplaudida e festejada por todos quantos anseiam por uma vida livre, essa notícia viria confirmar o temor de todos aqueles que ainda cultivam no pensamento uma idéia de liberdade.

Fidel Castro desceu à ínfima categoria dos desclassificados sociais com essa proposta desumana. Não é um homem, é um monstro que assim propõe uma transação comercial valendo-se de uma situação privilegiada pelas circunstâncias de se haver tornado vencedor de uma revolução que traiu e está enxovalhando.

O povo cubano não pode compartilhar dessa infâmia contra a dignidade humana, muito embora o carrasco procure suavizar essa monstruosidade com a etiqueta de uma indenização devida a Cuba por causa da fracassada tentativa de invasão. O seu gesto só pode encontrar recepção na mentalidade cretina daqueles que consideram o ser humano uma coisa, uma peça insensível, mecânica, da engrenagem política engendrada no cérebro prepotente dos ditadores.

Muito mais digna, humana e consciente se mostra a atitude daqueles que aceitaram a proposta infamante do ditador cubano, dispondo-se a arrancar das suas garras 1.200 vidas humanas a trôco de tratores. É o preço de um resgate que vale a pena pagar. E é, sobretudo, uma demonstração de que nem tudo está perdido neste mar de lama em que a humanidade chafurda por culpa de indivíduos como Fidel Castro, para os quais a dignidade humana é uma coisa difícil de compreender.

O "governo" perdeu a sua dignificação originária e deslocou-se integralmente para a máquina administrativa — que não passa duma classe parasitária a explorar a indústria dos impostos — de dois impostos, um legal e outro secreto.

Monteiro Lobato

## Imperialismo, Colonialismo e Libertação

Fala-se muito, nos últimos tempos, em imperialismo e colonialismo. Em geral, são termos empregados pelos comunistas em sua propaganda quando se querem referir aos Estados ainda não submetidos à linha política dos países que eles consideram democracias populares, isto é, os povos que orientam suas atividades pelas normas do marxismo-leninismo.

Quando se fala, hoje, no imperialismo, não é no sentido histórico em que ele deve ser compreendido, mas no sentido ideológico. Estar em desacordo com a Rússia é ser imperialista e colonialista!

Nós, os anarquistas, discordamos dessa maneira de encarar as coisas e os fatos. E discordamos porque não fazemos distinção das formas porque os povos são submetidos e subjugados a esta ou aquela tirania, seja ela econômica, política ou ideológica.

No mundo atual, duas tendências iguais em força e capacidade dominadora prevalecem sobre o princípio da auto-determinação dos povos em prejuízo do princípio de liberdade: o capitalismo norte-americano e o absorcionismo russo. Todas as outras nações do globo, mesmo aquelas que no passado exerceram grande influência nos destinos da humanidade, como a Inglaterra, a França, a Alemanha, etc., não podem escapar ao imperativo de uma interdependência em relação a qualquer um dos dois polos que disputam, numa guerra de nervos sem quartel, o domínio da situação mundial: os Estados Unidos, tornando-se o baluarte intransigente da defesa de um passado conservador cujas instituições vão sendo compelidas a adaptar-se às contingências da vida conforme as necessidades requeridas pelo instinto de conservação; e a Rússia, pretendendo representar os anseios populares de uma nova ordem de coisas baseada nas teorias econômicas do marxismo.

Entre os dois imperialismos — o imperialismo econômico do Ocidente e o imperialismo político do Oriente — não há possibilidades de um neutralismo completamente alheio às lutas de conquista de um lado e à tática de defesa do outro. O mundo está na balança entre dois pesos que se equivalem e cujas conseqüências poderão acarretar efeitos desastrosos para o futuro da humanidade.

Invocando o princípio da auto-determinação dos povos e o direito à escolha, em cada país, do regime que seus habitantes dese-

jarem seguir em seus sistemas de convivência, a Rússia intervem, direta e indiretamente, quer fornecendo armas, técnicos militares e munições, quer sustentando, politicamente, por meio de agentes hábilmente treinados, campanhas de descrédito contra aqueles que, de uma forma ou de outra, se manifestem contrários ao regime ditatorial que lá impera há 44 anos.

Para dominar e impor os seus métodos de organização não recua nem mesmo diante de processos monstruosos, desde a eliminação de vidas humanas à anulação da personalidade individual.

Ora, para se invocar o princípio da auto-determinação dos povos é necessário que essa auto-determinação se manifeste em um ambiente de liberdade absoluta; que não haja imposições externas sobre a vontade dos cidadãos aos quais devem ser assegurados os direitos da livre manifestação na escolha do sistema de vida que desejam.

Encarado o assunto dentro deste ponto de vista, os povos da África e da Índia que procuram libertar-se do colonialismo devem ser auxiliados e incentivados a fazê-lo, não para caírem sob o jugo do despotismo imperialista do capitalismo ou dos governos colonialistas, nem tampouco com o propósito de serem acorrentados à engrenagem do Estado totalitário soviético.

Se o colonialismo adquire, hoje, uma feição antipática não mais justificável sob nenhum pretexto; se o imperialismo se torna odioso em nossa época por todas as formas de domínio econômico sobre os países subdesenvolvidos que não possuem um nível de desenvolvimento que lhes permita viver com a necessária independência, não é menos odiosa a subjugação dos povos que despertam para a liberdade pelo totalitarismo de um Estado onipotente que se apoia na estupidez burocrática de uma engrenagem trituradora, e que emprega todas as formas de misificação maquiavélica para impor aos povos que querem liberdade uma forma de tirania ainda mais revoltante que a do capitalismo.

Somente a liberdade em todos os sentidos poderá libertar os povos de todas as formas de imperialismo e colonialismo, para estabelecerem a única maneira de gozarem a verdadeira paz: uma organização social baseada na justiça, no amor e na solidariedade!

SOUZA PASSOS

## Cultura Universitária ao alcance dos trabalhadores

A recente criação da Universidade Popular, experiência já tentada anos atrás e cuja falta se tornara sentida por todos aqueles que assistiram, a convite do Centro de Cultura Social, às conferências de professores que faziam parte da Universidade Popular Presidente Roosevelt, vem preencher uma lacuna de educação no seio das classes trabalhadoras.

Não é mais possível, em face dos problemas político-sociais que agitam os povos do mundo inteiro, o rudimentarismo educacional que vem sendo ministrado ao povo pela escola primária, a única ao alcance das classes desprotegidas que vivem do salário. Não basta, hoje, que o povo saiba ler e escrever, mormente sabendo-se que o ensino primário, em muitos países e entre eles o Brasil, é deficiente e preconceituoso, ministrado, com raras exceções, por professoras semi-analfabetas ou sujeitas ao controle do catecismo em conseqüência da sua formação religiosa. A crescente necessidade de técnicos e trabalhadores especializados; os problemas políticos surgidos por toda parte em virtude do despertar dos povos na África, na Índia e no Oriente; as novas modalidades de vida que o progresso imprimiu aos destinos da humanidade requerem e justificam iniciativas como essa da fundação da Universidade Popular.

De uma notícia sobre a sua formação destacamos o seguinte trecho:

"Nossa orientação é exclusivamente cultural, isenta de partidários políticos. A admissão está aberta a todos, sem distinção de credo político ou religioso, cor, classe e sem necessidade de apresentação de currículo escolar. As aulas serão ministradas no período noturno, com sabatinas e distribuição de apostilas".

Este trecho da notícia vale por um programa educativo que a todos beneficia e do qual são esperados resultados a favor do princípio de liberdade.

### SEMEANDO...

Entre o Papa negro de Roma e o Papa vermelho de Moscou não há, não pode haver eleição possível: os dois são, hão-de ser igualmente rechassados, combatidos e vencidos na luta da humanidade por um destino melhor.

Frederica Montseny

# A DESNECESSIDADE DO ESTADO NA VIDA SOCIAL

Uma indagação geralmente alimentada por dúvidas provocadas pela perspectiva de uma radical remodelação da nossa estrutura social vigente na base do socialismo libertário é se seria possível a atividade conjunta da sociedade com a devida eficiência sem a utilização da entrosagem do Estado hoje dominante.

Parece-nos, entretanto, mais lógica a manifestação da estranheza provocada pela constatação de haver quem ainda julgue necessária a existência do Estado como fator da ordem social.

Essa consulta encontra explicação no fato de se atribuir ao Estado o mérito da gestão da sociedade dentro de cujo quadro também no Brasil se desenvolve a vida coletiva da família brasileira.

Torna-se, pois, necessário examinar se esse conceito encontra alguma confirmação objetiva na realidade que todos estamos vivendo.

Como ponto de partida desse exame, ter-se-ia de colocar o Estado no pelourinho de um julgamento social, para submetê-lo a um estudo que deveria ter começo em sua origem e finalidade, e, acompanhando o seu desenvolvimento, fazer-se a exposição dos resultados de sua obra no decurso de sua já longa existência, durante a qual — num processo de metamorfose social — tem tomado tôdas as formas que a história registra.

Essa é uma tarefa que, entretanto, não pode ser executada dentro dos reduzidos limites destinados a estas apreciações.

Sobre a função do Estado existe uma tal quantidade de obras, que bastariam para se organizar uma avultada biblioteca. Entretanto, embora em síntese restrita, parece suficiente registrar a conclusão a que chegam as referidas obras: que o Estado é um órgão parasitário, surgido por meio da violência e da astúcia, para ser um instrumento governamental de dominação e de sucção. Não tendo capacidade criadora nem produtiva, para a movimentação de sua engrenagem burocrática, extorque somas consideráveis do produto do esforço de trabalho das populações, através de impostos de toda a natureza, destinando para o custeio de serviços que açambarca apenas parte mínima do que arrecada — e ainda assim para servir precariamente.

Apesar disto ser uma realidade evidente, ainda há quem hesite em admitir a possibilidade de ser dispensada a existência desse Moloch social, indagando de que forma e com que ele-

mentos seria possível substituir a complicada e trituradora engrenagem que é o Estado, por um outro sistema racional de organização administrativa da sociedade.

Estando historicamente provado que o Estado não surgiu antes da sociedade, nem mesmo conjuntamente com a sociedade, mas quando a vida das comunidades humanas já havia estabelecido suas normas de convivência social — não se pode fugir à lógica conclusão de que a ordem administrativa se estabelece, se organiza e funciona à margem da égide do Estado.

É o que se verificou no início da vida em sociedade das agrupações humanas, passou a ser a norma do curso dos acontecimentos no decorrer dos sé-

culos, para perdurar até nossa época, como a solução racional do problema das relações sociais.

O inverso é que constitui anomalia social, caracterizada pelos regimes de força, pelas ditaduras, pelos governos totalitários de política, economia e administração monolíticas.

Mas não precisamos sair dos limites da nossa época para o esclarecimento deste problema. Detenhamo-nos, pois, no campo de nosso meio, como partícipes que somos da sociedade em cujo seio vivemos.

Lancemos um olhar ao nosso derredor, fixemos nossa atenção esclarecedora para que seja conseguida uma conclusão objetiva neste teste de pesquisa social:

— Qual é a obra do Estado em cada uma e no conjunto das

## ALBERT CAMUS - AOS ESTUDANTES

Nascemos no começo da primeira guerra mundial. Como adolescentes assistimos à crise de 1929; aos vinte anos, Hitler. Logo veio a guerra da Etiópia, a guerra civil da Espanha, e Munich. Estes foram os fundamentos da nossa educação. Depois veio a segunda guerra mundial; a derrota; Hitler assolando nossas casas, nossas cidades. Nascidos em um mundo assim, em que havíamos de crêr? Em nada. Em nada excepto na obstinada negação na qual nos vimos forçados a encerrar-nos desde o princípio. O mundo em que começou nossa existência era um mundo absurdo, e não havia outro onde nos pudessemos refugiar. O mundo da cultura era belo, mas não era real. E quando nos encontramos cara a cara com o terror de Hitler, que valores poderíamos achar para nos re confortar, para opor à negação? Nenhum. Se o problema houvesse sido a bancarrota de uma ideologia política, ou sistema de governo, teria sido bastante simples; porém, o que ocorreu veio da própria raiz do homem e da sociedade. Sobre isto não restava dúvida, e foi confirmado dia após dia, não tanto pela conduta dos criminosos como pela do homem comum. Os fatos demonstraram que os homens mereciam o que lhes aconteceu. A maneira de viver tinha tão pouco valor; e a violência da negação hitleriana era por si mesma muito lógica. Mas era insuportável e lutamos contra ela.

Agora que Hitler desapareceu, sabemos um certo número de coisas. A primeira é que o veneno com que nos impregnou o hitlerismo não foi eliminado: está latente em cada um de nós. Qualquer um que hoje fale sobre a existência humana em termos de poder, eficiência e "missão histórica" o difunde. É um assassino em essência e em potencial. Porque, se o problema do homem fica reduzido a qualquer espécie de "missão histórica", o homem não é mais do que a matéria prima da história e pode-se fazer dele o que se quiser. Outra coisa que aprendemos é que não podemos aceitar nenhuma concepção otimista da existência, nenhuma finalidade feliz qualquer. Mas se acreditamos que o otimismo é candidez, também sabemos que o pessimismo sobre a ação do homem entre os seus semelhantes é covardia.

Opomo-nos ao terror porque nos obriga a eleger entre matar ou ser mortos; e isso torna impossível o trato entre os homens. É por isso que rechassamos toda ideologia que pretenda "controlar" toda a vida humana.

(Traduzido de "Tierra y Libertad")

inumeráveis atividades, desenvolvidas em mil e uma modalidades, destinadas a atender às necessidades públicas e privadas de nossa sociedade?

Em consequência do automatismo despersonalizador que caracteriza a sociedade em nossos dias, submetendo o homem à influência de um nivelador mimetismo social, a vida de todos nós se desenvolve num ritmo de rotina, cada qual executando as suas tarefas, em meio da azáfama do meio-ambiente, com a atenção quase que apenas voltada para o ângulo de suas incumbências específicas, com limitações da visão de conjunto.

Tudo se vai fazendo, todos os misteres vão sendo executados sob a pressão do imperativo da necessidade, da obrigação, de compromissos imediatos de ordem econômica, técnica, profissional, social, familiar, etc., sem que estas atividades automatizadas exijam que a atenção se detenha no exame do objetivo exato do que se faz, do alcance dos resultados das labutas, e, principalmente, do aspecto social do entrosamento de tôdas as atividades.

Se não fôsse essa a norma de vida de nossos dias, se as labutas do dia-a-dia não absorvessem as atenções, limitando-lhes o campo de observação, todos teriam a possibilidade de verificar que tôdas as atividades, formando núcleos organizados, se entrelaçam numa natural e espontânea entrosagem, para a movimentação de todos os setores da vida da sociedade em suas múltiplas modalidades — à margem do Estado, embora envolvidas pelos tentáculos desse estrangulador polvo social.

Para chegar-se a essa conclusão, basta examinar por meio de quem e como se produz tudo aquilo que nos faculta a possibilidade de se conseguir o que é preciso para atender às exigências de nossa vida — e chegar-se-á à constatação de que a vida social se desenvolve à margem do Estado, apesar do Estado, sempre pela iniciativa particular, sob o imperativo de uma voluntária ou às vezes automatizada ação de mútuo apoio, determinada pelo imperativo da necessidade de múltiplas manifestações.

A presença do Estado sempre se faz em demonstrações coercitivas e exploradoras.

O Estado, quando menos, é desnecessário para que a vida social se desenvolva usualmente.

## Festival Artístico

Organizado pelo Centro de Cultura Social e executado pelo Grupo Dramático Hispano-Americano, realizou-se no dia 5 de maio p. p. mais um grande festival artístico-dançante que teve, como os festivais anteriores, extraordinária concorrência.

Os assistentes não regatearam aplausos à atuação primorosa desses artistas.

O baile foi animado com brilhantismo pela grande Orquestra "Solera de Espanha" e seu cantor Pedro Jerdy.

### O LIBERTÁRIO

Porta-voz do movimento anarquista brasileiro

Diretor responsável:

PEDRO CATALLO

Redação e administração:

R. RUBINO DE OLIVEIRA 85, 1.º  
Caixa Postal 5739 - São Paulo

Assinatura anual: Cr\$ 100  
Número avulso: Cr\$ 5

## "Nossa Chácara"

Os piqueniques que se vêm realizando em "Nossa Chácara" deixam no coração de todos uma inesquecível áurea de felicidade. Velhos camaradas ali se encontram e matam saudades; crianças e jovens se confraternizam num ambiente sadio de liberdade e idealismo e dão expansividade à sua alegria de viver em contacto com a natureza, sentindo-se à vontade nas manifestações livres das suas atitudes. Declama-se, canta-se, representam-se pequenos "shows" improvisados, ouvem-se palestras, dança-se, come-se à sombra amiga das árvores e bebe-se... a água cristalina do riacho que desliza manso por entre a vegetação acariciadora das suas margens.

Nada de álcool! Todos os que ali vão se compenetraram da responsabilidade moral das idéias e se comportam como se todos fossem uma grande família.

Não há preconceitos, não existem diferenças, tudo se processa harmoniosamente nesse ensaio de vida livre e compreensível, onde tudo é de todos e onde, realmente, a liberdade de cada um tem apenas o limite da liberdade dos outros.

Foi assim que se passou o dia 28 de maio último, é assim que se passam todos os piqueniques realizados em "Nossa Chácara": gestas fecundas de companheirismo e solidariedade, idéias a desabrochar para a primavera do futuro, numa condensação de sentimentos entre o passado e o presente. Mais uma vez tivemos oportunidade de ver como se manifesta a alegria coletiva num ambiente sadio, e ouvir, no pequeno salão de conferências de "Nossa Chácara", sentados nos bancos rústicos feitos pelos próprios companheiros que integram o Grupo fundador daquele recanto maravilhoso, ou de pé, estóicamente, aqueles que não conseguiram sentar-se, os recitativos de poetas improvisados, as canções de pequenos artistas que ali vão alegremente dar um pouco do que sabem e encantar-se com os brinquedos e exercícios físicos ao ar livre.

Como tudo é bonito, singelo e confortador em "Nossa Chácara"!

### Munições para "O Libertário"

Para o número de maio: J. Sans, Cr\$ 1.000; Gumercindo 500, Ibrain 200, Atilio 200, Vergílio 150, Catallo 100, Tesoro 100, Rojo 100, Cecilio 100, Salvador 100, Genaro 100, Henrique 100, Miguel 100, Jaime 100, Dias 50, Ruíz 50, Cubero 50, Maruja 50, Bello 50, Salgueiro 50, Garcia 50, Fontana 50, Navarro, 100.

Para o presente número: Germinal 500, Juventude Libertária 500, Tesoro 200, Cecilio 200, Vergílio 150, Catallo 100, Salgueiro 100, Rojo 100, Dias 50, Fontana 50, Esposito 50, Vital 50, Salvador 50, Gumercindo 200, Atilio 200, Bello 50, F. R. Freitas 500.

## MÃE NORDESTINA

Suga-te o seio

Sêco como a terra sêca que deixastes

No teu sertão sem vida,

Um farrapo de gente que não quer morrer.

E tu,

Mãe nordestina, corajosa, flagelada,

Cuspida pela seca na poeira do caminho,

O corpo semi-nú,

Expremes-lhe na boca o leite que não tens

E das-lhe o teu sangue!

Tens o aspecto feio

Que a fome imprime nas faces da miséria.

Tens a côr da terra ressequida

Dos chapadões desertos

Onde ficaram as ossadas das tuas rezas mortas!

As pupilas dos teus olhos

Refletem a paisagem triste do Nordeste

Onde os cactus projetam sombras de ironia,

Tentando resistir, inútilmente,

A inclemência agreste da solidão fantasma.

E agora,

Despejada no centro da cidade grande

Pelo último "Pau de Arara",

Olhas a aurora boreal dos anúncios luminosos

Que dançam orgias milionárias

No alto dos arranha-céus;

E te perdes na confusão exótica das côres

À procura do fim da tua desgraça.

Refletes:

— Vestida assim de trapos encardidos,

Cheirando a terra sêca,

Não acharei trabalho...

E só encontras uma saída:

Esse filho

Que te suga o seio

Sêco como a terra sêca dos cerros nordestinos.

Será a tua ferramenta.

— Uma esmolinha pelo amor de Deus!...

FELIPE GIL

## O Anarquismo e a Realidade Brasileira

Está fora de dúvidas que o mundo atravessa hoje uma fase confusa e de expectativas incertas, em cujo emaranhado se debatem agitadamente todos os partidos políticos. Desde o mais extremado ao mais conservador, todos procuram ajustar-se aos imperativos da época e desfraldam bandeiras de liberdade, programas renovadores, conquistas avançadas, tendo o cuidado de agazalhar os seus intuítos de domínio dentro de legendas timidamente socialistas. Até o clero, essa organização milinarmente ultra-conservadora, pisa no picadeiro dos debates e proclama reformas que amenizem a penosa situação do proletariado.

Nesta confusão de credos, uma coisa aparece clara e inconfundível: a vontade popular. Apesar mesmo da tendência totalitária que envolveu o mundo, ela ressurge, galvanizada no próprio sofrimento, participando de maneira ativa e decisiva do árduo combate à tirania fascista. E alentada no espírito de luta das heróicas jornadas do passado, a vontade popular, o povo, o proletariado em suma, dispõe-se a conquistar, por conta própria, aqueles direitos que sempre fo-

ram conculcados pelos governos das mais variadas espécies. Enganaram-se e enganar-se-ão muito, os ditadores que, reduzindo os povos ao silêncio, crêem que estes subscrevem-lhes os desmandos e atropelos.

Ái tendes de memória o vulto de Mussolini, gordo e rechonchudo, usando na lápela um distico que não reproduzimos por uma estrita questão de decência, e que certo da sua impunidade, endossava crimes e crueldades praticadas pelas hordas dos camisas negras sob a exclamação fatídica de "Mussolini há sempre ragione". Ái o tendes, L'uomo, Il Duce, que se vangloriava de fazer chegar os trens na hora certa, o que faz supor que, na Itália, muitos maquinistas teriam sido presos por atrasos involuntários. Ái o tendes, esse transfuga que se caracterizava pela impertinência megalomânica das suas atitudes, quando a realidade lhe mostrou a cara e fugiu como um vil, morreu cobardemente, como morreu seu genro. Nem sequer teve o consolo de um caixão. Foi para a sargeta, manchar a lama que lhe suportava o corpo. Para salvar a vida ofereceu um império. Mas

o povo não quer impérios, quer justiça. E o povo italiano, reajustando as próprias energias, encaminha-se, a passos firmes na realização sublime de um mundo novo, mundo que sonham Mazzini e Garibaldi, Gori, Matteotti e Erico Malatesta.

O fim do ditador fascista deve fazer doutrina para os governantes. Já não se pode governar com a razão da força. Talvez com a força da razão, e mesmo assim, mudando cada vez mais o ato de governar, pela arte de administrar o grande patrimônio da nação. Esta perspectiva desenha-se em todos os países e, principalmente, naqueles onde o fascismo mais ameaçou consolidar-se. E o Brasil, onde as liberdades populares pareciam banquetearem-se nos festins de gala e nas tertulias pantegruélicas, em que o entrechoque das taças de champanhe sufocaram os gemidos de uma população semi-alimentada, o Brasil, dizíamos, perfila-se também entre os países sacudidos pelas inquietações populares. E' do Brasil, de preferência, que nos ocuparemos.

Para avaliar o grau de progresso, de cultura, de civilização e de conforto econômico de uma nação, é preciso desprezar a magnificência das grandes avenidas, a impetuosidade dos grandes edifícios, as mastodonticas usinas, a prosa bajulante dos jornais, e mergulhar o espectroscópio da análise serena no âmago das camadas proletárias. E' ali onde se encontra o termómetro fiél da temperatura nacional. E a temperatura nacional do país, apesar da volumosa e singular legislação trabalhista, é assustadoramente desastrosa. Não dizemos isto pelo simples prazer de atacar os governantes. Dizêmo-lo porque é uma verdade lamentável, uma verdade que precisa ser reparada quanto antes, porque a vida e a saúde dos trabalhadores merecem respeito e acatamento.

Se não acreditais, senhores do governo, de que a situação dos que trabalham é deveras preocupante, deixai tôda essa maravilha de conforto que tendes e que foi criada pelo esforço ingente do trabalhador, e vinde morar nos casebres infectos dos bairros operários, tendo como estipêndio para a vossa manutenção apenas o esquelético salário mínimo, e vereis, então, como no curto prazo de alguns dias, tereis de ser urgentemente hospitalizados e que, nos hospitais que estão ao nosso alcance, sobram doentes e morrem muitos por falta de assistência.

Levai, depois, para o vosso confortavel convívio, um proletário rôto, um habitante dessas zonas ruinosas e vereis, como no mesmo prazo de dias, será outro. Gordo, limpo, satisfeito, alegre, e procurando nivelar-se a vós em modos e cultura. Como conclusão final da excursão que vos propomos, teríeis a dolorosa constatação de que a tuberculose, longe de ser uma doença meramente física, é um flagelo social que campeia tranquilamente no seio da classe trabalhadora, classe essa que sofre a dupla injustiça de trabalhar bastante e alimentar-se mal.

P. CATALLO

## Frutos do "Santa Maria"

A façanha dos bravos homens do DRIL que no mês de Dezembro último movimentaram a imprensa mundial e as agências noticiosas com o caso do "Santa Maria", está dando bons resultados. Desde então, não houve mais sossêgo para o ditador Salazar. Angola conflagrada, manifestações da oposição, em Portugal, exigindo a sua renúncia, prisões de políticos em Lisboa, e agora, culminando numa série de agitações e distúrbios, depois de muitos anos de completa paz de cemitério, várias bombas explodiram em edifícios públicos daquele país.

São os frutos da semente lançada no "Santa Maria".

## Estudantes e Operários

A questão social não é mais um problema apenas restrito às classes trabalhadoras. Todas as classes sabem, hoje, a necessidade imperiosa de estar em dia com os acontecimentos político-sociais do mundo conturbado em que vivemos. E com mais razão as classes estudantis, porque nos moços estudantes há sempre a inquietude moça de rebeldia natural própria de todos quantos sonham com a liberdade.

Desiludidos com a política dos partidos burgueses onde se avacalha e submerge o princípio da dignidade humana numa competição de interesses inconfessáveis, os estudantes não encontram já um campo adequado à formação da personalidade individual a que aspiram. Infelizmente, à falta de orientação mais consentânea com as realidades sociais, muitos desses moços inquietos e ávidos de conhecimento se deixam arrastar para as fileiras do Partido Comunista, que para eles é a expressão máxima das idéias avançadas.

O anarquismo, que já teve no Brasil uma situação de grandes possibilidades de divulgação das idéias, pois contava com vasta imprensa e organizações ativas que editavam folhetos e prospectos de propaganda; que, filiadas às federações operárias de orientação libertária, contava com um movimento proletário de grandes proporções, não tem, na atualidade, recursos capazes de contrabalançar os efeitos da propaganda em grande escala posta em circulação, por todos os meios, através das embaixadas soviéticas ou por meio de agentes régimentalmente pagos para esse fim.

O anarquismo só conta com os míseros recursos financeiros de seus militantes e das pessoas de boa vontade que simpatizam com os ideais de redenção humana, base dos seus fundamentos ideológicos. Entretanto, os estudantes que são atraídos pelo movimento operário e que acidentalmente tomam conhecimento dos ideais anarquistas, sentem-se à vontade e manifestam seu entusiasmo pelo ambiente de liberdade e compreensão que encontram no meio libertário.

## O PIOR MAL DA ONDA BOLCHEVIQUE

Um dos maiores cuidados entre os anarquistas de todos os tempos foi o de evitar a entronização de elementos em seu seio. O maior ou menor respeito à inteligência e à abnegação dos seus homens mais ativos, jamais significou culto ou servilismo aos mesmos. E os mais destacados pensadores e propagadores do anarquismo foram os primeiros a fugir do sensacionalismo e a desprezar "honorarias" e projeções seguros de que só assim poderiam evitar a ferrugem destruidora em seus ideais.

Como em todos os campos, registraram-se sempre alguns casos de infiltração de elementos desejosos de impor seu domínio ou de cultivar entre nós a própria vaidade. Convencidos logo de que fizeram acampamento no lugar errado, ou se curaram ou desapareceram... sem deixarem saudades nem marca de seus passos.

Nossos arquivos são mais implacáveis que os de qualquer outro setor. Nêles encontramos, igualando-se com os filósofos de escol, homens da enxada e do martelo. É que todos eles cediam o lugar uns aos outros como a coisa mais natural e consentânea de quem propugnava por uma sociedade igualitária. Mas não encontramos nêles, a não ser com o ferrete pejorativista, os ataques de paranoia voluntária.

O desprezo dos anarquistas pelos "super-homens", pelos "salvadores", pelos "infalíveis", pelos "grandes" disto e daquilo, expresso em tôdas as ocasiões e durante várias décadas, foi calando fundo, pouco a pouco, no sentir os povos, atingindo tôdas as classes. O ridículo tornou-se freio e antidoto da vaidade e da ânsia de domínio, e os exibicionistas do "saber sem fundo" passaram a ser alvo da galhofa. Ninguém mais acreditava na infalibilidade de ninguém, e só os eunucos cerebrais acreditavam na do Papa.

Esta compreensão de alto alcance, capaz por si mesma de impossibilitar o retorno aos absolutismos reais, propiciou até, de algum modo, o advento de várias repúblicas. E, entre elas, a República Socialista Soviética Russa, que foi, durante alguns anos, uma esperança para os revolucionários de todo mundo.

Dissemos alguns anos; devemos acrescentar que não foram mais de um ou dois entre os meios anarquistas, que nela confiaram apenas enquanto os sovietes de operários tomavam parte ativa na orientação revolucionária; mas desde que cessou essa atividade por força da centralização de poderes nas mãos de uns poucos, os anarquistas compreenderam que o campo estava aberto aos dominadores de todos os quilates. Não esperavam, entretanto, que a barreira contra as "infalibilidades" fôsse quebrada ali com tanta facilidade.

Lenine, como bom marxista, negava também o poder dos reis pela graça de Deus; e aceitou

para si o poder, todo o poder, como único digno dele, com a sofistica de que eram os trabalhadores quem lhe concediam essa graça. Mas jamais confessou que mandava de novo para a Sibéria, ou para a vala comum, os revolucionários que não reconheciam tal "graça".

Stalin foi mais longe: através de todos os porta-vozes de seu Estado absolutista, fêz-se declarar infalível; e ninguém na Rússia podia pronunciar seu nome, sob pena de cair em desgraça, sem agregar-lhe um dos cognomes de "Grande" de "Magnânimo", de "Paizinho" de "Formidável". E os Quislingues dos partidos comunistas de todo mundo, salvo uma única exceção, baixaram ao ridículo de se referirem a ele do mesmo modo, maldizendo a desgraça de não poderem tratá-lo de deus...

O culto da personalidade tornou-se quase que a única obrigação de todos os "bons comunistas": na Rússia, Stalin; em cada país, o Chefe Nacional; em cada cidade, o Chefe local; em cada célula, o Chefe da mesma. O culto aos chefes englobava e continua englobando a obediência cega aos mesmos.

O XX Congresso Comunista condenou o culto da personalidade. Ignoramos o alcance dessa resolução na própria Rússia, mas sabemos que os Quislingues de todos os países desobedeceram por primeira vez a orientação oficial de Moscou... Sentem-se bem como pequenos deuses e não vêm motivos para baixar de seus tronos.

O pior mal da onda bolchevique foi o abalo causado à resistência coletiva contra todos os pseudo-salvadores. Impondo seus chefes como insuperáveis, levaram seus contrários a opor-lhes outros "mais insuperáveis". E hoje, para remediar os males que afligem o mundo, os homens, deixando idéias de lado, andam atrás de outros homens... na mais estúpida das confissões: a de que se julgam incapazes de fazerem algo por e para si mesmos.

Achamos que um dos pontos fortes e salutareos da propaganda anarquista seria reencetar com mais vigor a crítica e a sátira contra o culto de personalidades, colocando em ridículo todos os "infalíveis" onde quer que eles se insinuem.

B. X.

## A DERROCADA DO "PELEGUISMO"

Manifesta-se atualmente no seio das classes trabalhadoras uma tendência para a sua libertação do profissionalismo sindical. Os chamados "pelegos", herança nefasta da ditadura getulista, que vinham manobrando os sindicatos e nêles se mantendo indefinidamente graças à proteção do Ministério do Trabalho, estão em completa derrocada, agarrando-se ainda com unhas e dentes à tábua de salvação do Imposto Sindical.

Uma onda de bandalheiras praticadas à sombra dos sindicatos com o emprêgo da mistificação e do suborno vêm sendo denunciadas em sindicâncias instituídas pelo atual governo: apropriações indébitas de dinheiros pertencentes ao fundo sindical; gastos não autorizados feitos com grossas farras dos dirigentes sindicais, com pretextos políticos e eleicoeiros; existência de sindicatos "fantasmas" com a finalidade única da arrecadação do Imposto Sindical; profissionalismo de greves por "decreto" atendendo a fins políticos; empreguismo e cargos privilegiados nas autarquias, tudo vinha sendo praticado com a maior desfaçatez e sem vergonhismo.

E o proletariado servia e servia de capa a tôdas as patifarias, explorado na sua boa fé, extorquido "legalmente" por meio do Imposto Sindical, dando o seu nome de classe às manobras da politiquice em que se envolviam, por conveniência pessoal, os seus dirigentes.

Felizmente, embora um pouco tarde, pois vem mantendo-se nessa situação anormal há 30 anos, o proletariado começa a recuperar a consciência e a dignidade de sua atitudes, disposto a não mais se deixar conduzir pelo cabresto do caudilhismo político.

O "peleguismo" se esforça para evitar a derrocada completa, defendendo o Imposto Sindical com a teimosia de quem sabe que a "mamata" vai acabar, deixando os sindicatos de ser as ante-salas de repartições ministeriais, com a reconquista da dignidade classista e profissional que tiveram no passado, em que a história do proletariado brasileiro se escrevia com as características de independência que têm as lutas por um ideal de redenção humana.

## OS PRINCÍPIOS DE PROPRIEDADE E DE AUTORIDADE...

O princípio de autoridade ofusca a razão ao ponto de não querer ver que o sufrágio e o parlamentarismo são uma farsa, tanto na Monarquia como na República; que o Estado tanto atropela o direito numa monarquia absoluta ou constitucional, como numa república unitária ou federal; que da mesma forma se torna absorvente e conquistadora a Rússia absolutista ou os Estados Unidos, e que se não fôra pela oposição tenaz dos "sans-culottes" de todos os países, todos os diversos sistemas políticos acabariam no mais desenfreado despotismo, que, no

fundo, é o que dorme e se acolta ainda que seja na menor quantidade possível de governo...

O selvagem, quando tropeça em uma pedra, morde-a furiosamente, convencido de que ela é coisa animada, e deixa-a logo no caminho; nós fazemos pior: tropeçamos a cada instante nas pedras da propriedade privada que fabrica pobres e egoístas, da religião que nos venda os olhos e nos ensina a submissão, do Estado que nos amordaça e encarcera... e ainda há quem os adore.

José Prat